



Novas sociabilidades, redes e tecnologia: as construções do ciborgue frente às complexidades do racismo algorítmico

New Sociabilities, networks, and technology: cyborg constructions in the face of the complexities of algorithmic

Cyntia Barbosa Oliveira¹

 <https://orcid.org/0000-0003-0354-3492>  <http://lattes.cnpq.br/7937006805838767>

Marcus Vinicius Spolle²

 <https://orcid.org/0000-0001-7339-8396>  <http://lattes.cnpq.br/7994446298778464>

RESUMO

A partir da construção do ciborgue desenvolvida por Donna Haraway, em que a autora explora o convívio entre indivíduos e tecnologias, propomos uma discussão sobre o racismo algorítmico. Argumentamos que, à medida que os indivíduos se tornam híbridos — com tecnologias inseridas em seus cotidianos e integradas aos seus corpos — essas mesmas tecnologias também atuam dissimulando e transformando práticas racistas historicamente presentes. Assim, o racismo algorítmico opera relegando ciborgues negras e negros a processos já conhecidos antes da hibridização entre sujeitos e máquinas: a discriminação, o racismo e diversas formas de opressão. Destacamos ainda a bibliografia composta majoritariamente por teóricas negras, ressaltando a importância de valorizar perspectivas críticas frequentemente marginalizadas nos debates sobre tecnologia e sociedade.

Palavras-chave: Ciborgue; Novas sociabilidades; Redes e tecnologia; Racismo algorítmico.

ABSTRACT

Based on the concept of the cyborg developed by Donna Haraway, in which the author explores the interaction between individuals and technology, this article proposes a discussion on algorithmic racism. We argue that as individuals become hybrid—through the integration of technology into their daily lives and bodies—these same technologies also operate by reshaping and concealing historically embedded racist practices. In this sense, algorithmic racism relegates Black cyborgs—Black individuals integrated with technology—to forms of

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) Pelotas/RS – Brasil. E-mail: cyntiabaroli@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) Pelotas/RS – Brasil. E-mail: sociomarcus@gmail.com



discrimination, racism, and oppression that long predate this hybridization. The study also highlights a bibliography composed mostly of Black female theorists, emphasizing the importance of centering critical perspectives that have often been marginalized in discussions about technology and society.

Keywords: *Cyborg; New sociabilities; Networks and technology; Algorithmic racism.*

1. INTRODUÇÃO

Traçamos aqui, a partir de uma das ideias centrais expostas por Donna Haraway ao apresentar-nos o Manifesto Ciborgue, inquietações que partem da discussão sobre a convivência com tudo aquilo que nos circunda, sejam animais semelhantes ou totalmente distintos, diferentes culturas, objetos ou ainda, ao que dedicamos atenção ao longo do texto: as tecnologias. Haraway (2009) explora em sua discussão a perspectiva da convivência, ao abordar as relações entre seres humanos e máquinas., traz tanto percepções sobre as opções que o conjunto de máquinas tecnológicas já dispõe, quanto atenção às possibilidades de mudanças que podem ser alcançadas. O ensaio de Donna Haraway foi originalmente escrito no final do século XX, desde então o avanço das máquinas, especialmente as tecnologias mediadas por inteligência artificial, passou por um processo de ascensão.

O ciborgue “é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica” (Haraway, 2009, p. 37). Uma possibilidade de partilhar espaços, uma integração, uma construção híbrida entre indivíduos e máquinas. Exploramos aqui uma conexão com a atualidade e essa convivência entre indivíduos e máquinas mediada pela presença constante do acesso à internet, em grande medida por smartphones - bem como uma vasta gama de outros aplicativos mediados pelas tecnologias inteligentes e conectados à inteligência artificial -, seja utilizada como meio de comunicação, entretenimento ou trabalho. Além disso, estamos situados em um momento histórico onde a presença de dispositivos com conexão é, para diversas pessoas, uma necessidade.

Outro aspecto presente no cotidiano de diversas pessoas e que nos propomos a analisar é o racismo. Ynaê Lopes dos Santos (2022) ao explorar como o racismo construiu o Brasil aponta uma gama de fatos históricos que delinearão a constituição social que vivenciamos enquanto sociedade, apontando as dissimulações do racismo ao longo dos anos. Dissimulações que nos direcionam às formas de racismo que ocorrem através da internet, ou ainda por tecnologias mediadas através de algoritmos e são exploradas por Safiya Umoja Noble (2021), ao abordar os algoritmos como opressores e realizar uma discussão sobre como o Google fomenta e lucra com o racismo. Assim, analisamos duas perspectivas das dissimulações do racismo mediadas por tecnologia: os discursos de ódio ministrados com base em uma crença no anonimato e na impunidade dos crimes cibernéticos e ainda a programação algorítmica que reproduz padrões sociais de comportamento racistas. Sob esse olhar, o racismo algorítmico se configura como uma estratégia tecnológica que, longe de ser neutra, tende a reforçar padrões de exclusão e a manter os privilégios das populações brancas no espaço digital, como aponta Luz (2023) em sua reflexão crítica.



É partindo, portanto, de “indivíduos ciborgue” e do racismo que se dissimula e se infiltra nessas tecnologias que propomos traçar uma discussão sobre ciborgues negras e negros, visando problematizar as possibilidades da coexistência entre humano e máquina, frente ao racismo reproduzido através de tecnologias, pois estão imbricados o convívio com a máquina e as dinâmicas do racismo. Para a discussão teórica proposta, utilizaremos as obras de autoras como: Donna Haraway, Ynaê Lopes dos Santos, Safiya Umoja Noble, Patricia Hill Collins, bem como demais autoras. Traçamos, ainda, a proposta de trabalhar com um referencial bibliográfico pautado em construções teóricas desenvolvidas exclusivamente por mulheres. Desse modo, além desta introdução e das considerações finais, desenvolvemos outros três itens: o item a seguir abordando alguns apontamentos sobre a construção ciborgue e como mulheres negras e outras minorias sociais podem dialogar com essa teoria. Subsequentemente, discutiremos brevemente os processos de dissimulação do racismo ao longo da história que nos direcionam ao racismo algorítmico. E, por fim, discutiremos os ciborgues negras e negros, partindo do pressuposto de que a convivência simultânea com a tecnologia os torna ciborgues — mesmo enquanto são alvos de um racismo operado por essas mesmas tecnologias. Assim, convidamos a leitora e o leitor a nos acompanharem a essa discussão.

2. CONSTRUINDO O CIBORGUE: ALGUMAS POSSIBILIDADES

Donna Haraway (2009) explora as relações que se estabelecem e podem se estabelecer em uma perspectiva contemporânea, relacionando identidade, tecnologia e corpo. A autora explora o conceito do ciborgue como uma espécie de fusão entre o orgânico, ou seja, os seres humanos e o cibernético, representado por máquinas e tecnologias. Adotaremos aqui a definição do ciborgue que se alinha a um híbrido, nesse caso utilizando a perspectiva que propõe o convívio entre humano e máquina (Haraway, 2009), mais especificamente a contemporânea relação que observamos entre indivíduos e as conexões com as tecnologias digitais, em especial as mediadas por inteligência artificial pautada em algoritmos, possibilidades de comunicação em tempo real, acesso a redes sociais. Possibilidades essas que são facilmente acessadas por uma pequena tela: os smartphones. Cada vez com mais disponibilidades representam quase uma extensão de corpos, pois para um crescente número de indivíduos é difícil imaginar um dia sem o celular.

Outras definições sobre como os ciborgues podem ser caracterizados relaciona-se com a possibilidade de superar as limitações de gênero, ao discutir gênero e sexualidades, subvertendo assim as normas sociais que se associam às identidades de gênero (Haraway, 2009). Além disso, a autora explora questões relacionadas às definições pautadas em padrões binários e os ciborgues como elementos que desafiam esse padrão, pois em certa medida se torna uma tarefa mais árdua a definição, em termos binários, daquilo que é orgânico e daquilo que é máquina: os ciborgues tensionam as categorias binárias tradicionais. Mais um aspecto explorado pela autora e que exploraremos em momento oportuno no texto, são as “mulheres de cor” como ciborgues, por terem suas identidades constituídas por “uma potente subjetividade, sintetizada a partir das fusões de identidades forasteiras e nos complexos estratos político-históricos de sua ‘biomitografia’” (Haraway, 2009, p. 85).

Aqui, entretanto, não utilizaremos a nomenclatura “mulheres de cor”, optando por mulheres negras, estendendo a discussão para abarcar pessoas negras de forma mais ampla. Traçamos assim uma



discussão sobre ciborgues negras e negros, partindo de suas relações com as tecnologias contemporâneas, mediadas, na maioria, pela utilização de smartphones. Outro aspecto que cabe destacar são as autoras ciborgues, pois “A escrita-ciborgue tem a ver com o poder de sobreviver, não com base em uma inocência original, mas com base na tomada de posse dos mesmos instrumentos para marcar o mundo que as marcou como outras” (Haraway, 2009, p. 86). Ao definir as autoras que fundamentam a discussão proposta – em sua maioria mulheres negras –, elencamos intelectuais que fazem da escrita uma forma de expressão, resistência, denúncia e manifestação de suas potências ao mundo. Como aponta Haraway: “ao recontar as histórias de origem, as autoras-ciborgue subvertem os mitos centrais de origem da cultura ocidental (Haraway, 2009, p. 86).

O conceito de ciborgue ultrapassa as fronteiras entre o fictício e o real, encapsulando tanto uma representação imaginativa quanto um conjunto concreto de vivências tangíveis. Como expõe (Haraway, 2009), o ciborgue é inerentemente a materialização das oportunidades expandidas pelas conquistas contínuas no campo tecnológico. As barreiras entre o orgânico e o mecânico se dissipam, permitindo a coexistência entre a biologia humana e as criações da engenharia. Essa fusão ultrapassa os limites da imaginação, explorando novas fronteiras e tornando factíveis realizações que anos antes seriam consideradas impossíveis. A partir dessa perspectiva, o ciborgue não é apenas uma metáfora filosófica ou conceitual, mas uma extensão real da nossa capacidade de criar, inovar e redefinir nossa relação com o mundo. Ele representa tanto ficções quanto vivências concretas, tornando-se expressão das múltiplas formas de habitar a tecnologia (Haraway, 2009).

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica (Haraway, 2009, p. 37).

Seguindo as construções expressas por Haraway, compreendemos que o ciborgue não pode ser isolado das questões sociais e políticas. Marina Agustoni (2017), ao analisar as relações entre corpo e tecnologia, destaca o espaço central que os smartphones e outras tecnologias mediadas por inteligência artificial ocupam no cotidiano. A autora observa que

[...] não é que os objetos ganhem vida e passem a ser uma ameaça; de fato, nós compartilhamos nossas vidas com eles, mas são eles que passam a ser controlados por nossas mentes distendidas, que não se limitam às nossas caixas cranianas, e passam a estar em tudo aquilo que podemos controlar. Nesse sentido, esses dispositivos smarts fazem parte de nós, do nosso corpo (Agustoni, 2017, p. 23).

É articulando com a perspectiva do ciborgue como experiências vividas e a discussão sobre o que os dispositivos inteligentes com acesso à rede fazem com seus usuários que propomos pensar a partir de uma perspectiva que parte do feminismo negro, uma perspectiva crítica, que expõe como as relações de poder intervêm no cotidiano de comunidades negras. A partir da análise de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), compreendemos como as relações de poder atravessam a sociedade, inclusive os ambientes digitais. A violência e os discursos de ódio que ocorrem na internet têm, frequentemente, cor e gênero. Retomamos, assim, a noção de que o ciborgue está



intrinsecamente ligado às questões sociais, como apontado por Haraway (2009); à centralidade das tecnologias na vida cotidiana, conforme Agustoni (2017); e à sua constante transformação, que impacta as formas de sociabilidade. Apresentamos, então, a concepção de ciborgue que será discutida ao longo deste trabalho: uma versão ainda presa às amarras do binarismo e de limitações de gênero, que pautado em (re)conexões, busca se distanciar dos padrões coloniais e hegemônicos que estruturam a sociedade em que se insere.

E mais: um corpo negro atravessado pelas tecnologias digitais – tecnologias que, por um lado, o definem como ciborgue e, por outro, o expõem a um processo histórico contínuo: as dissimulações do racismo. É para discutir esse processo de dissimulações e incorporação do racismo algorítmico na sociedade que convidamos para partir ao próximo item e acompanhar essa problematização.

3. DISSIMULAÇÕES DO RACISMO: O CIBORGUE FRENTE ÀS QUESTÕES POLÍTICAS E SOCIAIS

Ynaê Lopes dos Santos (2022), ao discutir a formação brasileira, argumenta que o racismo esteve presente desde a invasão do país, passando pelos momentos iniciais do sequestro de populações africanas para desenvolverem trabalho forçado, entre os períodos de colônia e império brasileiro. A autora chega ao período republicano e ao encaminhar-se à conclusão faz uma breve análise sobre a contemporaneidade, expondo ao longo de toda sua discussão como as transformações sociais, sejam pautadas em novas crenças ou em imposições políticas e estratégicas implicaram em modificações nas maneiras em que o racismo era/é manifesto. Na contemporaneidade, as formas institucionais de racismo têm destaque através do encarceramento em massa da população negra, em especial homens negros (Santos, 2022). A autora ainda destaca que existe uma associação à criminalidade à população negra, por meio de um imaginário social coletivo que se desenvolve por premissas racistas, que “[...] também inviabiliza qualquer tipo de educação e reinserção da população carcerária” (Santos, 2022, p. 266).

Destacamos ainda que esse projeto racista atua através de linhas de opacidade, que se alteram e introduzem perspectivas de naturalidade a diversas perpetuações de manifestações racistas.

A situação é complexa e envolve diferentes camadas da relação que se estabelece entre criminalidade, humanidade e raça. Uma boa dose de psicanálise é fundamental para compreender como o passado escravista e a forma como ele é rememorado acabariam criando o que Frantz Fanon chamou de “zona do não ser”. Isso muitas vezes define a subjetividade de homens e mulheres negros, na medida em que sua materialidade não só foge do padrão aceitável, como se constitui como uma espécie de antagonismo desse mesmo padrão. No racismo não há espaço para a diversidade sem que os corpos nos quais o diverso habita sejam hierarquizados. Todavia, essa “zona do não ser” se trata apenas de um possível sentimento ou de uma forma específica de a população negra estar no mundo, mas também - e sobretudo - da maneira como o mundo encara a população negra (Santos, 2022, p. 266 - 267, grifos do autor).

Cristine Ribeiro, Camila Moraes e Carla Araújo (2021) ao explorarem os corpos abjetos situados nas cidades exploram esse espaço coletivo como constituído a partir de padrões pautados na



colonialidade, pensados a partir de uma lógica ocidental e branca, que reafirmam, através de diferentes mecanismos, as manutenções de um poder hegemônico pautado nos princípios que mantém a hierarquia social. Há, conforme as autoras, um processo de invisibilização de mulheres, especialmente de mulheres negras, trazendo como consequência, um processo de mortificação dos corpos negros nos ambientes componentes da cidade. Tais processos de exclusão e invisibilização não ocorrem, necessariamente, de maneiras transparentes, claras e concisas, como Santos (2022) pontuou ao traçar relações entre as diversas camadas de sociabilidade e a psicanálise.

Aqui não nos deteremos a discussões associadas a um viés alinhado a psicologia, tampouco discussões sobre construções de identidade negra a partir das subjetividades, mas é válido destacar que são aspectos de relevante discussão, pois a construção identitária passa por processos de subjetivação. A construção de uma negritude positiva é constantemente limitada pelas construções sociais que são compartilhadas e difundidas sobre o que é considerado “ser negro”, a construção da negritude é, diversas vezes, associada a criminalidade, hipersexualização, marginalidade social e pobreza, tal como é amplamente explorado por Lélia Gonzalez (2020). É nesse sentido que discutir sobre como os ciborgues são híbridos que convivem simultaneamente com a tecnologia e sofrem as consequências do racismo algorítmico torna-se passível de discussão. Ciborgues negras e negros compartilham experiências tanto com tecnologias, quanto com movimentos de opressão, eventualmente expressos através das tecnologias às quais se está constantemente conectado.

As estratégias de controle serão formuladas em termos de taxas, custos de restrição, graus de liberdade. Os seres humanos, da mesma forma que qualquer outro componente ou subsistema, deverão ser situados em uma arquitetura de sistema cujos modos de operação básicos serão probabilísticos, estatísticos. Nenhum objeto, nenhum espaço, nenhum corpo é, em si, sagrado; qualquer componente pode entrar em uma relação de interface com qualquer outro desde que se possa construir o padrão e o código apropriados, que sejam capazes de processar sinais por meio de uma linguagem comum (Haraway, 2009, p. 62).

Em um contexto social como o que aqui abordamos, as estratégias de controle são pautadas no racismo, a linguagem social passa por um processo de construção de um imaginário onde impera a crença de não haver racismo, de habitarmos uma democracia racial. Logo, como nos aponta Gonzalez, “Não é por acaso que uma expressão, atribuída a um famoso humorista, afirma sarcasticamente que ‘no Brasil não existe racismo porque o negro conhece o seu lugar’” (Gonzalez, 2020, p. 60). É partindo dessa construção da negritude externa aos negros, bem como, pautada em discussões sobre o lugar de pessoas negras e suas constituições que exploramos o conceito de imagens de controle, discutido por Winnie Bueno (2020), partindo das discussões teóricas cunhadas por Patricia Hill Collins.

Bueno (2020) explora o conceito de imagens de controle partindo de definições externas, ou seja, a constituição da imagem feminina negra a partir dos pressupostos coloniais, sexistas e racistas que “constituíram formas de dominação que caracterizam o período da escravização e que, no que pese apresentarem dinâmicas diferentes em cada contexto nacional, influenciaram a formação dos aspectos da vida social” (Bueno, 2020, p. 77). Elementos que em tempos de ciborgues, indivíduos híbridos, que convivem com as tecnologias e as incorporam em seu cotidiano, seguem impondo seu



caráter hegemônico e disseminando manifestações racistas através de suas dissimulações. A autora aponta ainda o caráter global que o racismo apresenta e as diversas formas de proliferação das imagens de controle através das mídias de massa. E além das mídias de massa que desenvolveram e desenvolvem a distribuição de conteúdos que corroboram com a manutenção dessas construções externas sobre a negritude, adicionam-se as mídias digitais que possibilitam a comunicação, o compartilhamento e a disseminação de imagens de controle e conteúdos racistas por qualquer indivíduo com acesso à internet.

A disseminação do acesso à internet foi responsável pela construção de indivíduos negros e negras em ciborgues, convivendo com a tecnologia, compartilhando e formando experiências através das possibilidades de conexão. Movimentos a favor da utilização dos cabelos de forma natural, valorização da estética negra, grupos voltados a troca de experiência formaram-se a partir da ampliação do acesso às redes, ponto que fortaleceu diversos movimentos, como pontuam Debora Pereira e Ana Paula Thé (2019) ao abordarem as “marchas dos cabelos crespos”. De encontro as perspectivas positivas encontradas pelos ciborgues negros e negras na internet, Safiya Umoja Noble (2021) dedica-se à análise das dissimulações do racismo em contexto digital, explorando amplamente o conceito de algoritmos da opressão, a autora aborda algumas formas de reprodução do racismo que estão em vigor nas novas sociabilidades. Conferindo especial atenção aos algoritmos do Google e como a plataforma de buscas fomenta e lucra com o racismo, a autora direciona seu olhar especialmente à situação das mulheres negras na internet e as imagens associadas às mulheres negras.

É através da análise de algoritmos que Noble (2021) aponta como as imagens reproduzidas através da internet sobre mulheres negras estavam diretamente relacionadas à hipersexualização, em diversos casos. Ao explorar os dados relacionados ao ano de 2011, a autora constata ainda que ao buscar pelo termo “meninas negras” reverberava diretamente em sites de pornografia, já em seus primeiros resultados diante de buscas na plataforma do Google. Nas redes sociais, as mulheres negras representam as maiores vítimas de discursos de ódio – discussões que ainda não apresentam dados conclusivos, mas que, em contexto brasileiro, se sustentam na hipótese de que a falta de legislações específicas e efetivas relacionadas aos crimes cometidos em ambientes virtuais faça com que indivíduos se autorizem a perpetrar ofensas racistas sob a crença do anonimato digital.

Collins e Bilge (2021) exploram a interseccionalidade como uma perspectiva de analisar relações de poder que se estabelecem socialmente, detendo atenção às violências em contextos digitais, tal como os discursos racistas online, mas vão além, primeiro pontuando sobre como o próprio conceito de interseccionalidade passou a ser debatido através das redes. Trazemos aqui a possibilidade de direcionar um olhar interseccional a ideia de ciborgues negras e negros, visto que essa construção ciborgue é exposta à convivência com a tecnologia e ao racismo que constantemente se dissimula no contexto social. E ainda: se mulher, é exposta ao sexismo; caso seja homem, exposto a ligações com a criminalidade. As autoras destacam que

Se as tecnologias digitais impulsionam movimentos sociais progressistas que promovem agendas e solidariedades interseccionais, elas também estimulam movimentos populistas de extrema-direita que cooptam pessoas por meio de plataformas digitais e visões racistas, sexistas e homofóbicas. “De fato, evidencias



mostram que os movimentos de direita se beneficiam mais das tendências digitais que os movimentos de esquerda, pois tem mais dinheiro e uma estrutura mais hierarquizada, o que maximiza estratégias eficientes de comunicação digital” (Collins e Bilge, 2021, p. 154).

As autoras exploram uma perspectiva baseada, em parte, em questões políticas, entretanto propomos nos atentarmos à questão central: quem possui mais dinheiro e maiores posições hierárquicas, se beneficia dos usos e possibilidades tecnológicas. Desse modo, ciborgues negros e negras, por comporem as camadas marginalizadas da sociedade, como é amplamente explorado por Gonzalez (2020), são expostos também as “falhas” algorítmicas e os processos de reprodução online de um padrão já estabelecido na sociedade: o racismo.

“A materialização do direito permeia um cenário de conflito de interesses em que prevalece o poder hegemônico que segrega e demarca o lugar e o não lugar dos povos” (Ribeiro, Moraes e Araújo, 2021, p. 89). Assim, frente às novas sociabilidades, os corpos se tornam híbridos, mas as constituições sociais racistas se metamorfoseiam e ocupam espaço nas novas configurações. É diante do brevemente discutido aqui que, visando aprofundar as discussões sobre o racismo algorítmico aplicado aos corpos ciborgues através das tecnologias inteligentes, convidamos a leitora e o leitor a nos acompanharem ao próximo item.

4. NOVAS SOCIABILIDADES, REDES E TECNOLOGIA: O RACISMO ALGORÍTMICO INVADE A HIBRIDIZAÇÃO

Aqui propomos explorar dois pontos centrais: as ciborgues negras como vítimas de discurso de ódio e construções hipersexualizadas em ambientes online, e os ciborgues negros como alvos do sistema de encarceramento em massa, mediado por tecnologias digitais. Iniciamos, portanto, trazendo uma breve aproximação do funcionamento dos algoritmos, para depois nos determos aos pontos a serem discutidos. Noble (2021) define os algoritmos, de maneira sucinta, como uma série de passos, introduzidos no código da programação e que, por serem considerados neutros, são naturalizados. Essa percepção dos algoritmos como elementos neutros é construída com base na forma de disseminação dos algoritmos, pois são baseados em combinações matemáticas, realizadas a partir de procedimentos mecânicos e, cada vez mais, operam sem a necessidade da interferência humana para a tomada de decisões (Noble, 2021).

Uma das críticas centrais expostas pela autora, com a qual corroboramos, diz respeito à pseudo-neutralidade algorítmica, pois mesmo que os processos atinjam determinada autonomia, até mesmo as tecnologias mais avançadas passam por um processo de programação, de definição dos parâmetros de funcionamento dessas tecnologias *smart*. A aplicação do racismo algorítmico se expressa por meio da replicação de padrões sociais através da programação de dados, que se tornam perceptíveis diante de sistematizações, tais como: “[...] omissão de pessoas racializadas em sites e apps, suposição de criminalidade em dispositivos de videomonitoramento, violações de privacidade de dados, invisibilização em ferramentas de reconhecimento facial, não banimento de discursos supremacistas brancos” (Luz, 2023, p. 12), entre outras possibilidades.



A inteligência artificial é desenvolvida visando replicar as escolhas humanas, de uma definição prévia das escolhas daquele usuário e assim opera antecipando essas escolhas e entregando aquilo que o usuário supostamente gostaria de acessar (Luz, 2023). Aqui, dois pontos problemáticos surgem ao direcionarmos o olhar aos indivíduos ciborgue: primeiro porque se os padrões de comportamento hegemônico são racistas, os algoritmos tendem a replicar esse comportamento; e, segundo, porque, como nos aponta Noble (2021), as produções realizadas e disseminadas através da internet têm como intuito a geração de lucros. Se a sociedade é constituída a partir de bases racistas e esses padrões geram lucro, os algoritmos replicam esse comportamento, entregando conteúdos que tendem a atrair aqueles que possuem capital para investir nos produtos e serviços ali dispostos. Ou seja,

Embora se possa acreditar que a busca em um mecanismo de pesquisa irá apresentar a informação mais relevante e, portanto, mais útil, a busca na verdade é condicionada por uma matriz de formas pelas quais páginas estão linkadas entre si e indexadas na internet. Tornar conteúdo na web (páginas) localizável através de mecanismos de busca é um projeto expressamente social, econômico e humano que diversos estudiosos já detalham. Esse processo é entregue aos usuários mediante uma série de passos (algoritmos) implementados no código de programação e então naturalizados como “objetivos”. Uma das razões pelas quais isso é visto como um processo neutro é porque soluções algorítmicas, científicas e matemáticas são avaliadas por práticas procedimentais e mecanicistas, que nesse caso incluem rastrear hyperlinks entre páginas (Noble, 2021, p. 74 - 75).

É possível admitir que “[...] somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues” (Haraway, 2009, p. 37), entretanto a partir da discussão sobre como operam os algoritmos e quais as premissas para as tomadas de decisões, cabe salientar que mesmo diante de uma hibridização que atinge grande parte do escopo social, as condições e as construções de experiência que são geradas a partir desse contato divergem. Ciborgues negras e negros vivenciam as vicissitudes positivas e negativas da hibridização. Assim se uma das apostas feitas por Haraway (2009) ao traçar as possibilidades ciborgue consistia em projetos de evolução, dissipação de construções binárias e pautadas em essencialismos, as aproximações entre organismo e máquina atuais mostram que tal expectativa não foi atingida.

Grande parte dos acessos às redes são realizados através dos smartphones, como já abordamos, e é através das imagens de controle (Bueno, 2020) que diversas características são atribuídas às mulheres negras, apresentando como um dos desdobramentos das dissimulações racistas em ambientes digitais a hipersexualização (Noble, 2021). Aqui é possível exemplificar através de uma imagem de controle explorada nas discussões de Gonzalez (2020): a “mulata”, construída como a mulher negra de pele clara. Um processo de objetificação de mulheres negras, a “mulata” é considerada um “objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais” (Gonzalez, 2020, p. 36). Esse processo de objetificação, exportação e comercialização de mulheres negras se insere nas novas sociabilidades. As ciborgues negras lidam com o processo de hibridização com as tecnologias por meio da conexão quase constante com os smartphones e outros dispositivos compostos por inteligência artificial, ao mesmo tempo, em que ficam expostas ao racismo algorítmico que, ao reproduzir padrões sociais, as percebe e as representa como objetos, mercadorias.



“Desigualdades estruturais da sociedade estão sendo reproduzidas na internet” (Noble, 2021, p. 113). Assim, ser um ciborgue não implica em deixar de ser alvo das discriminações a que se está suscetível mesmo fora dos processos de hibridização. Uma das questões que ganham espaço é que ser híbrido, hoje, vai além da conexão com o smartphone, visto que existem outras tecnologias *smart* que circundam os indivíduos. Tecnologias que, mediadas por inteligência artificial, implicam nos processos de interação com os diversos espaços de convívio: residências, espaços de trabalho e até mesmo as relações que se estabelecem com a cidade.

É ao discutir raça e a relação com as cidades que direcionamos o olhar aos ciborgues negros. Ribeiro, Moraes e Araújo (2021) ao abordarem os corpos abjetos e a relação com a cidade elucidam que “[...] as desigualdades nas relações sociais são acirradas mediante a incipiência do Estado que não atua em direção à equidade, fortalecendo, assim, a segregação da cidade enquanto um projeto de manutenção do sistema colonial, ou seja, capitalista, racista e machista” (p. 88). É a partir de discussões sobre o direito a cidade que podemos retomar os ciborgues negros, pois ao usufruir da cidade os homens negros representam a parcela da população que está sempre marcado como um suspeito (Gonzalez, 2020), um criminoso em potencial e alvo das abordagens policiais.

Essa construção de que homens negros são perigosos, agressivos e potenciais criminosos permeia o imaginário social. Retomamos assim o conceito de imagens de controle (Bueno, 2020), responsável pela construção externa daquilo que se define, de maneira essencialista, sobre um homem negro. É por meio de sistemas de videomonitoramento que ciborgues negros sofrem com o racismo algorítmico. Essa tecnologia tem ganhado espaço no contexto nacional por trazer a proposta de tornar cidades mais seguras, pois, utilizando câmeras com reconhecimento facial, visa identificar suspeitos e criminosos foragidos (Luz, 2023). O problema dessa tecnologia, que aproxima ainda mais uma coletividade da ideia de hibridização com a tecnologia, é o elevado índice de falhas.

Em 2019, levantamento da Rede de Observatórios da Segurança revelou que 90,3% das pessoas presas por reconhecimento racial no Brasil eram negras, evidenciando o viés racial implícito nessa tecnologia. Além disso, o mesmo estudo apontou que 83% das prisões consideradas injustas por reconhecimento fotográfico também envolveram pessoas negras (Rede Observatórios da Segurança, 2020). Nos Estados Unidos, um relatório do Instituto Nacional de Padrões e Tecnologia (NIST) avaliou 200 algoritmos comerciais de reconhecimento facial, constatando que pessoas não brancas sofriam até 100 vezes mais falsos positivos (NIST, 2020). Complementa esse cenário a reportagem de Bruna Souza Cruz no portal Tilt (UOL), que descreve a atuação da deputada Erika Hilton ao manifestar sua oposição ao uso dessas tecnologias em São Paulo, argumentando que reforçam o racismo (Cruz, 2022). Também é citada a matéria do jornal *O Estado de S. Paulo*, que descreve decisão judicial suspendendo o uso de câmeras de reconhecimento facial na cidade, considerando o risco de reprodução de práticas discriminatórias (Estadão, 2023). Esses dados mostram que o reconhecimento facial apresenta erros sistemáticos para pessoas negras, prolongando e legitimando desigualdades históricas por meio de sistemas que deveriam garantir segurança.

Esses dados apresentam uma percepção inicial sobre como o sistema de videomonitoramento, cujo intuito é tornar centros urbanos mais seguros, é sustentado por concepções racistas. Desse modo, no funcionamento dessas tecnologias são mantidas e propagadas as imagens de controle (Bueno,



2020) construídas sobre corpos negros. Além disso, se introduz mais uma forma de dissimulação do racismo, pois como pontuado por Noble (2021) existe a crença de que os algoritmos operam de maneira neutra, portanto não podem ser racistas. Isso nos permite compreender os ciborgues negros e negras como ciborgues reais, pois “Esses ciborgues da vida real [...] estão ativamente reescrevendo os textos de seus corpos e sociedades. A sobrevivência é o que está em questão nesse jogo de leituras” (Haraway, 2009, p. 89). Ciborgues negras e negros, imersos nas estruturas sociais, traçam estratégias de sobrevivência e enfrentamento, buscando, como sugere a autora, possibilidades para enfrentar as dominações de gênero, raça, classe e sexualidade. E assim, convidamos vocês a nos acompanharem nas considerações finais do texto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões desenvolvidas ao longo do texto e da breve análise sobre as formas de dissimulação do racismo nas novas sociabilidades, utilizamos a construção teórica de Donna Haraway (2009) — o ciborgue — como forma de abordar os processos de hibridização entre indivíduos e tecnologias. O cerne da discussão é pautado em como a hibridização vivenciada por pessoas negras constitui-se, em grande medida, na contramão da proposta idealizada por Haraway (2009), pois a convivência com as tecnologias não distanciou os indivíduos das formas de dominação hegemônicas, pautadas em construções sexistas e racistas, bem como outras.

Exploramos assim algumas interpretações do que pode ser definido como o ciborgue, alinhando as perspectivas críticas do feminismo negro pautado em ideias de conviver e do compartilhar de experiências, pensando na construção de movimentos que sobrevivem e combatem o racismo. Buscando também discutir como o racismo se dissimula e se incorpora nesses ambientes híbridos através do racismo algorítmico (Luz, 2023), racismo que se manifesta de maneiras distintas quando detemos atenção a mulheres e/ou a homens negros. Seja mediante processos de hipersexualização em espaços online (Noble, 2021), no caso das mulheres negras; ou através da atribuição de potencial criminoso concedida aos homens.

Além disso, o alinhamento com perspectivas que surgem no movimento feminista negro, como a breve exploração do conceito de imagens de controle, discutido por meio das abordagens de Winnie Bueno (2020), possibilitam ampliar possibilidades para outras problematizações, atentando ao fato de que as construções sociais que circulam e caracterizam o que são e como são as mulheres negras são, inúmeras vezes, construídas por outras pessoas, por grupos hegemônicos, que detém tanto as fontes de geração de renda que conferem a indivíduos marginalizados se mantenham nessa posição quanto são responsáveis pelo domínio das fontes de comunicação de massa que definem quais as imagens de mulheres negras serão amplamente compartilhadas.

É a partir do conceito de imagens de controle que a construção de pressupostos binários, como explora Donna Haraway (2009), encontra uma de suas fontes de manutenção do racismo, por exemplo. Pois mulheres negras são, frequentemente, a oposição negativa das características concedidas a mulheres brancas. Ao explorar os ciborgues negras e negros buscamos articular que estamos distantes de desconstruir ideias pautadas em binarismos e exploração realizada por grupos dominantes, pois mesmo que exista uma hibridização entre indivíduos e tecnologias, os processos



de discriminação, e aqui especialmente, o racismo, se metamorfoseiam e seguem ditando padrões sociais.

6. REFERÊNCIAS

- AGUSTONI, Marina. **Os ciborgues na mídia**: apontamentos sobre a relação corpo-tecnologia. 110f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: ZOUK, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CRUZ, Bruna Souza. Deputada quer barrar reconhecimento facial em SP por racismo - e com razão. Tilt Uol, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt> Acesso em: jan. 2023.
- ESTADÃO. Juiz vê risco de racismo e barra câmeras de reconhecimento facial em SP. *O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/juiz-ve-risco-de-racismo-e-barra-cameras-de-reconhecimento-facial-em-sp-nprm/>. Acesso em: 24 jul. 2025.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In.: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- LUZ, Valentina Fonseca da. RACISMO ALGORÍTMICO, TECNODIVERSIDADE E A POSIÇÃO HUMANA ANTE A TECNOLOGIA. **Revista Contraponto**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, 2023.
- NATIONAL INSTITUTE OF STANDARDS AND TECHNOLOGY (NIST). **Face recognition vendor test (FRVT)**. Gaithersburg, MD: NIST, 2020.
- NOBLE, Safiya. **Algoritmos da opressão**: como o Google fomenta e lucra com o racismo. Santo André: Rua do Sabão, 2021.
- PEREIRA, Deborah Dias; THÉ, Ana Paula Gilfskóí. A construção da identidade negra via movimento social: "marcha dos cabelos crespos" enquanto estratégia de enfrentamento do racismo. **Confluências - Revista interdisciplinar de sociologia e direito**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 169 - 183, 2019.
- REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA. **Olho vivo**: reconhecimento facial e o racismo algorítmico. São Paulo: CESeC, 2020. Disponível em: <https://rededeobservatorios.org.br/olho-vivo/>. Acesso em: 24 jul. 2025.
- RIBEIRO, Cristine Jaques; MORAES, Camila de Freitas; ARAÚJO, Carla Graziela R. B. Os corpos abjetos na cidade. In.: ALVES, Míriam Cristiane; ALVES, Alcione Corrêa. **Redes intelectuais**: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas. Porto Alegre: Rede Unida, 2021.



SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro**: uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

Submissão: 05/10/2023

Aceito: 24/09/2025